

A Resignificação da Canção “Romance de uma Caveira” de Alvarenga e Ranchinho.

Carlos Gregório dos Santos Gianelli

Considerações Metodológicas

Uma canção pode ser analisada das mais diversas maneiras dependendo de quem a pesquisa e qual será o objetivo principal dessa análise. O pesquisador de literatura, normalmente, irá focar sua análise na letra. Dela é possível extrair metáforas, analisar padrões de rima, organização das estrofes, o próprio conteúdo da letra (e dentro dele o discurso imbricado), e etc. O sociólogo vislumbra na canção uma possibilidade de análise do meio que a circunda. Não que ela seja puro testemunho de um grupo social, mas uma expressão de determinado lugar ou de determinado povo. Ainda nessa área, a sociologia busca estudar parâmetros de análise como recepção, circulação e produção da obra artística e sua relação direta ou não com a dita Indústria Cultural. O musicólogo ao analisar uma canção, se interessará pela estrutura musical em específico. Como a melodia se desenvolve? É polifônica ou monofônica? A harmonia segue algum padrão pertencente ao estilo? O andamento influencia no desenvolvimento da canção? Como acontece a relação entre letra e melodia? Qual a paleta de timbres utilizada pelo compositor ou intérprete? E assim por diante. Ao observar todas essas possibilidades analíticas, penso qual deve ser o método ou as diretrizes metodológicas que devo seguir enquanto historiador? O interessante dessa pergunta é justamente não encontrar uma resposta pronta.

O historiador deve partir de uma análise interdisciplinar quando faz da música seu objeto de pesquisa. Ele deve ser esse “interesseiro” que busca nas várias áreas de conhecimento ferramentas que possam contribuir para enriquecer o seu trabalho. E, não se limitam as citadas logo acima. Ainda existem muitas possibilidades no campo da acústica, física, psicologia e antropologia. Dentro dessa reflexão trago uma *orientação* sobre o tema dita por Marcos Napolitano em sua obra *História e Música*:

A questão metodológica central, que vem emergindo dos debates, é problematizar a música popular, e particularmente a canção, a partir de várias perspectivas, de maneira a analisar “como” se articula na canção – musical e poeticamente – as tradições, identidades e ideologias que a definem, para além das implicações estéticas mais

abstratas, como um objeto sociocultural complexo e multifacetado.¹

O objetivo central desse trabalho é analisar como é feita a resignificação da canção “Romance de uma Caveira”, gravada originalmente por Alvarenga e Ranchinho, pela dupla de artistas de Porto Alegre Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky que compõe o espetáculo Tangos e Tragédias.

A versão de Alvarenga e Ranchinho

A canção “Romance de uma Caveira”, de autoria da dupla Alvarenga e Ranchinho com o compositor Chiquinho Sales, foi lançada no mês de março do ano de 1940. O disco de 78 rpm contava como lado B a canção “Muié pra cada um” (Alvarenga/Ranchinho). O fonograma que possuo da canção está presente no LP Milionários do Riso de 1968, sendo assim não tenho certeza absoluta se corresponde exatamente a gravação *original* de 1940. Todavia, o objetivo desse trabalho não é buscar a gravação ou interpretação original, mas analisar o processo de resignificação da canção quando interpretada por artistas diferentes. Na versão de Alvarenga e Ranchinho alguns eixos norteadores da canção ficam bem claros. Primeiro, se trata de uma seresta em compasso ternário (o mesmo compasso utilizado em uma valsa) tocada em um ritmo lento que constitui um elemento estético muito forte estabelecendo uma primeira relação entre a melodia, harmonia e letra. Outra característica da música é por ser cantada em uníssono sendo que a segunda voz (Ranchinho) só entra em um segundo momento da letra, no entanto, sem harmonizar com o vocal principal apenas dobrando a mesma linha melódica. A harmonia da canção em tom menor é outro item indispensável para alcançar o tom “fúnebre” que é proposto pelos artistas. Aliás, quando essa se altera para um tom maior, ela se relaciona diretamente com a letra da canção tendo em vista que é nesse momento da narrativa em que acontece a novidade da chegada do terceiro personagem: o “defunto fresco”.

Nos primeiros segundos da gravação da dupla Alvarenga e Ranchinho, escutam-se gritos e uivos de certo modo fantasmagóricos acompanhados por sons dissonantes e intencionalmente *sombrios* vindos de um acordeom que além de preparar o ouvinte para o tema central da canção mostra um dos fatores fortes da dupla: a questão da

¹ Napolitano,2005:77

TÃO LONGE... TÃO PERTO...

A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

performance. Esse ponto será tratado com mais afinco a diante quando relacionado com outras interpretações. A música possui um arranjo simples, sendo sua paleta de timbres composta apenas por um violão e um acordeom, além das já citadas vozes em uníssono. Quem conduz a canção fazendo as transições entre um verso e outro é o violão que utiliza bastante do recurso do trabalho com as linhas dos baixos, conhecida também como “baixaria”², semelhante ao utilizado por violonistas de choro. O acordeom permeia a canção tecendo linhas melódicas diferentes da melodia principal ou dos baixos do violão, no entanto, é no momento das transições entre os versos que ele aparece mais. Traçado esse breve *panorama sonoro* da canção, vamos a letra:

Eram duas caveiras que se amavam
E à meia-noite se encontravam
Pelo cemitério os dois passeavam
E juras de amor então trocavam.

Sentados os dois em riba da lousa fria
A caveira apaixonada assim dizia
Que pelo caveiro de amor morria
E ele de amores por ela vivia.

Ao longe uma coruja cantava alegre
Ao ver os dois caveiros assim felizes
E quando os dois se davam beijos funebres
A coruja batendo as asas, pedia bis

Mas um dia chegou de pé junto
Um cadáver novo de um defunto
E a caveira por ele se apaixonou
E o caveiro antigo abandonou.

O caveiro tomou uma bebedeira
E matou-se de um modo romanesco
Por causa dessa ingrata caveira
Que trocou ele por um defunto fresco³

A letra da canção possui uma narrativa linear contando uma história simples com começo, meio e fim. Até a terceira estrofe a canção fala de um casal de caveiras que viviam apaixonados. O cenário sombrio pode ser observado na letra quando os autores, além de já indicar o romance entre dois seres humanos mortos, usam de elementos como o local do romance (cemitério), o horário em que os “dois se amavam” (meia noite) e ainda o bater das asas da coruja (ave que no imaginário popular ajuda a compor o tom fúnebre proposto). A história sofre uma brusca mudança na terceira estrofe quando um “cadáver novo” chega ao cemitério fazendo com que a caveira se

² Roschel, 2012.

³ Registro do fonograma: 03/1940 - ODEON - Nº 11831

apaixonasse por ele configurando assim um triângulo amoroso fúnebre. O interessante de observar nesse momento é que justamente na estrofe em que ocorre uma mudança brusca no enredo, o tom da música também muda. Antes, em tom menor a canção seguia linear contando o romance entre as duas caveiras. Todavia, com a chegada do defunto novo a canção alterna para um tom maior, chamando a atenção do ouvinte para a novidade que ocorre na letra e em sua narrativa, assim como na harmonia da música. De um modo geral a letra da canção apresenta um tom humorístico por se tratar de um romance existente entre dois indivíduos que normalmente não integrariam qualquer enredo amoroso.

A versão do espetáculo Tangos e Tragédias

Para saber como a canção foi utilizada pela dupla de artistas Hique Gomez e Nico Nicolaiewesky, consegui agendar uma entrevista com os dois em Joinville, Santa Catarina, no dia 22 de junho de 2012, mesma data em que apresentariam o espetáculo Tangos e Tragédias na cidade. A entrevista foi feita no lobby do hotel no qual estavam hospedados, e o meu objetivo principal com as perguntas era saber o motivo da escolha da canção “Romance de uma Caveira” para integrar o espetáculo e qual a relação, se é que havia alguma, dos artistas com a dupla Alvarenga e Ranchinho. A entrevista completa se encontra em anexo nesse trabalho. Selecionei para essa discussão alguns trechos que se considero mais pertinentes. O primeiro que chegou ao lobby para a entrevista foi Nico Nicolaiewesky, que interpreta o Maestro Plestkaya no espetáculo. Antes de saber qual a função, ou o motivo que teria levado eles a utilizar a canção de Alvarenga e Ranchinho, perguntei como ele a conheceu, como foi seu primeiro contato. Nisso, descobri algo no mínimo curioso que permite uma reflexão sobre os caminhos que uma música pode tomar:

Carlos Gregório: Como ocorreu o teu contato com a obra do Alvarenga e Ranchinho?
Como é que você conheceu eles?

Nico: Eu conheci na verdade, essa música especificamente, eu me lembro do meu pai cantando ela pra eu dormir.

Carlos Gregório: Pra dormir? Olha...uma canção de ninar!

Nico: “Eram duas caveiras que se amavam...” Era daí que eu conhecia ela.

Carlos Gregório: Foi esse teu contato então?

Nico: Na verdade depois o meu contato acabou sendo...Não me lembro se eu já tinha visto alguma gravação. Eu conhecia essa música dessa lembrança. E ele (pai de Nico) nem cantava toda, me lembro só do início. Nem sei se ele cantava toda, acho que não. Depois quando a gente começou a ensaiar músicas para o show que a gente começou a trabalhar com as coisas do Vicente Celestino primeiro. E aí, não sei se foi um amigo que recomendou ou a gente que encontrou, agora não me lembro bem. Mas,

TÃO LONGE... TÃO PERTO...

A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

era um disco que tinha...eu não me lembro o que é que tinha...tinha umas outras coisas, mas tinha essas duas músicas do Alvarenga e Ranchinho que era o Drama da Angélica e o Romance de uma Caveira.E o meu contato acabou sendo esse.⁴

A canção que mais tarde seria utilizada em um espetáculo musical não veio de uma profunda pesquisa para saber quais seriam as músicas utilizadas, mas, de uma lembrança de infância de Nico, que mais tarde enxergaria nela a possibilidade de utilização dentro da narrativa proposta pelo show. Aliás, aproveitei o momento da entrevista para fazer algo que raramente um pesquisador que trabalha com música tem a chance: checar se uma suposição feita por mim tem algo em comum com o que realmente o artista *queria dizer*. Pois, uma falha muito comum de quem faz análises de canções em geral, é exagerar ou ir longe demais nas suposições e teorias sobre qual foi a intenção ou objetivo central do músico. Em uma entrevista a revista Rolling Stone, o cantor e compositor Chico Buarque comenta isso sobre uma polêmica criada em cima de uma canção de seu último disco. Comentando uma interpretação equivocada o cantor dispara: “Aí, se não é burrice, já é vontade de encher um pouquinho o saco do compositor.”⁵ Enfim, expus em forma de pergunta a minha suposição para o Nico a fim de checar sua relevância:

Carlos Gregório: Você acha que a narrativa presente na letra da canção contribuiu para que ela entrasse no espetáculo, já que a música por si conta uma história, então pro espetáculo ela é super funcional . Uma outra pergunta, o Romance de uma Caveira, que na verdade você acabou de responder , que tem carregada em si um forte teor dramático na própria letra, então isso contou para a escolha dela né?

Nico: Sim⁶

Ou seja, como visto facilmente na letra da música, por se tratar de uma história sendo contada, ela pode ser amplamente utilizada por quem queira integrá-la a um espetáculo teatral. No entanto, o motivo principal da utilização da canção poderia ser outro. Ter a possibilidade de perguntar isso para o artista que fez uso da obra foi fundamental para uma reflexão mais sólida da questão que envolve o processo de resignificação.Perguntei também como eles encaravam a questão da reinterpretação. Em quais diretrizes eles se norteavam quando utilizavam uma música de outro artista em seu espetáculo.Nico e Hique foram bem incisivos quando deixam claro que a intenção deles nunca é “diminuir” a canção, mas, sempre valorizar os aspectos mais fortes que

⁴ Nicolaiewesky, Nico. Entrevista concedida a Carlos Gregório dos Santos Gianelli, em 22 de junho de 2012. Joinville/SC.

⁵ Terron, 2011.

⁶ Nicolaiewesky, Nico. Entrevista concedida a Carlos Gregório dos Santos Gianelli, em 22 de junho de 2012. Joinville/SC.

ela possui. Outro ponto interessante da visão de reinterpretação do *Maestro Plestkaya* é a opção por manter a música quase que no seu formato original, sem alterar muito andamento, arranjo e etc. Evitando assim chegar perto de qualquer tipo de “caricatura” musical:

Nico: Isso é uma coisa que é bem fundamental na minha visão de reinterpretação. Quer dizer, eu acho legal reinventar uma música, não esquecendo e não perdendo de reinventar uma parte dela. Tu não pode fazer como isso e botar num outro ritmo ai tu normalmente, e no caso dessa música também, e botar ela realmente numa outra É diferente, na verdade a gente faz no caso das caveiras, eu acho que é bem claro, quer dizer, a nossa maneira de fazer exatamente a mesma coisa. Como se fosse exatamente a mesma coisa, mas, com a nossa verdade, passa pelo que chama de Recycla, mas mantendo, nunca é uma paródia, nunca é uma ideia assim, nem com a do Vicente Celestino, nunca né.. A ideia é de interpretar a canção realmente pelo valor da canção. Nunca é tirando um sarro dela ou uma coisa assim: “ah, a música daquele tempo..”

Carlos Gregório- As vezes no caso a música que é naturalmente engraçada e você valoriza o que ta ali

Hique – Exatamente, a essência...

Nico – Exatamente, nunca é diminuindo a música⁷

A questão da performance

Essa opção pela preservação das características fortes da canção é facilmente notada quando assistido o espetáculo *Tangos e Tragédias*. No mesmo dia em que eu entrevistei os artistas, tive a possibilidade de ver a peça para analisar *in loco* como a canção “Romance de Uma Caveira” estava inserida no enredo teatral e ainda como era feita sua interpretação. A canção entra num momento muito oportuno. Logo após terem contado uma história de amor entre um jovem casal que acabam morrendo, o “Romance de Uma Caveira” é entoado para contar a segunda parte dessa história, cabendo à canção dar o tom fúnebre que a narrativa toma. Ou seja, os artistas com muita perspicácia, uniram dois momentos que *originalmente* não tinham nenhuma relação direta entre si para tecer uma narrativa coerente dentro do espetáculo. Aqui também entra uma questão que se coloca em paralelo muito fortemente entre a dupla Alvarenga e Ranchinho e os gaúchos Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky: a questão da performance. Ambos utilizam o formato de dupla para suas apresentações; conduzem os shows pelo viés da comédia; utilizam recursos mínimos para as apresentações (nada de grandes bandas com muitos músicos), enfim, as semelhanças são várias. Não é a toa que ano de 2008, em uma de suas aparições no programa de Jô Soares, o apresentador fez a

⁷ Gomez, Hique. Nicolaiewsky, Nico. Entrevista concedida a Carlos Gregório dos Santos Gianelli, em 22 de junho de 2012. Joinville/SC

comparação entre os dois gaúchos e a dupla da era do rádio. Aproveitei o gancho para saber se é comum esse tipo de comparação:

Carlos Gregório: Em uma das várias participações de vocês divulgado o espetáculo Tangos e Tragédias no Jô Soares, precisamente no ano de 2008, o Jô comparou o formato de dupla que vocês utilizam justamente com a dupla Alvarenga & Ranchinho. É comum esse tipo de paralelo?

Nico: Não. Tem uma coisa que é uma coisa muito ruim né, eu acho assim, muito dessa coisa da ignorância, essa coisa do esquecimento realmente né? Que realmente assim este é um tipo de coisa que seria normal acontecer que as pessoas se dessem conta que é um formato, nem é uma coisa proposital, mas acabou sendo um formato prático. Eles (Alvarenga e Ranchinho) também formataram porque era uma coisa funcional e foi funcionando e pronto e tal. Mas, é incrível sim como realmente não tem uma quantidade de carga histórica presente nas pessoas, na educação, para que as pessoas fizessem naturalmente esse tipo de comparação, que eu acho que é absolutamente pertinente.⁸

Todo esse conjunto de elementos que compõe a performance influencia também na constituição da canção. Uma nova camada de interpretação que se pode ter de uma canção é alcançada no momento em que se visualiza a performance. Ela entra como elemento constitutivo tal como a letra, arranjo, melodia, harmonia, e timbres. Paul Zumthor em sua obra *Performance, recepção e leitura* reflete sobre o tema trazendo uma experiência pessoal de quando assistia nas ruas de Paris os artistas de rua. No exemplo abaixo é possível observar a contribuição dos vários elementos que pode constituir a canção:

Havia o homem, o camelô, sua parlata, porque ele vendia as canções, apregoava e passava o chapéu; as folhas-volantes em bagunça num guarda-chuva emborcado na beira da calçada. Havia o grupo, o riso das meninas, sobretudo no fim da tarde, na hora em que as vendedoras saíam de suas lojas, a rua em volta, os barulhos do mundo e, por cima, o céu de Pais que, no começo do inverno, sob as nuvens de neve, se tornava violeta. Mais ou menos tudo isto fazia parte da canção. *Era a canção.*⁹

O historiador Marcos Napolitano também enfatiza a questão da performance como elemento de análise musical. Para tal toma emprestado a definição de David Treece sobre o tema:

A canção popular é claramente muito mais do que um texto ou mensagem ideológica [...], ela também é performance de sons organizados, incluindo aí a linguagem vocalizada. O poder significante e comunicativo desses sons só é percebido como um processo social à medida em que o ato performático é capaz de articular e engajar uma comunidade de músicos e ouvintes numa forma de comunicação social.¹⁰

⁸ Nicolaiewesky, Nico. Entrevista concedida a Carlos Gregório dos Santos Gianelli, em 22 de junho de 2012. Joinville/SC

⁹ Zumthor, 2007: 28-29.

¹⁰ Treece in Napolitano, 2005:85

TÃO LONGE... TÃO PERTO... A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

Tendo isso em vista o historiador que tem como objeto de sua pesquisa a canção deveria inserir dentro de seus parâmetros analíticos a performance. Zumthor lembra também que “[...] qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar (ou a espremer para extrair a substância) a noção de performance, encontramos sempre um elemento irreduzível, a ideia da presença de um corpo.”¹¹ Portanto, ao analisar a resignificação da canção “Romance de Uma Caveira” optei por incluir a questão da performance para destrinchar esses “novos lugares” que a canção poderia ocupar, pois ela, a performance, “não é simplesmente um meio de comunicação: comunicando, ela o marca.”¹²



¹¹ Zumthor, 2007:38

¹² Idem.:32

Referências Bibliográficas:

Caldas, Waldenyr 1977. *Acorde na aurora: música sertaneja e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

_____ 1987 *O que é música sertaneja*. São Paulo: Brasiliense.

Errete, J. L 1985 *Capitão Furtado: viola caipira ou sertaneja?*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Música, Divisão de Música Popular

Nepomuceno, Rosa 2005. *Música caipira: da roça ao rodeio*. 2. ed. São Paulo: Ed. 34

Napolitano, Marcos 2005. *História e Música*. São Paulo: Ed. Autêntica

Roschel, Renato. Choro. <http://almanaque.folha.uol.com.br/choro.htm> Consulta: 09/2012

Tatit, Luiz. 2007. *Todos entoam: ensaios, conversas e canções*. São Paulo: Publifolha

Terron, Paulo. 2011. Entrevista RS: Chico Buarque.

<http://www.rollingstone.com.br/edicao/edicao-61/entrevista-rs-chico-buarque>. Consulta: 09/2012.

Zumthor, Paul. 2007. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac Naify

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

Nota biográfica:

Carlos Gregório dos Santos Gianelli atualmente é Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina tendo como objeto de estudo a dupla Alvarenga e Ranchinho. Orientando da Prof. Dr. Márcia Ramos de Oliveira, vice-coordenadora do Laboratório de Imagem e Som (LIS/ FAED/UEDESC). Atua também como professor de História, Geografia e Ciências do Colégio Catarinense localizado na cidade Florianópolis, SC. Possui graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011).

Contato: gianelli.87@hotmail.com



Anexo

Transcrição completa da entrevista realizada com Nico Nicolaiewsky e Hique Gomez no dia 22 de junho de 2012 no Hotel Mercure Prinz localizado na cidade de Joinville, no estado de Santa Catarina.

Carlos Gregório: Como ocorreu o teu contato com a obra do Alvarenga e Ranchinho? Como é que você conheceu eles?

Nico: Eu conheci na verdade, essa música especificamente, eu me lembro do meu pai cantando ela pra eu dormir.

Carlos Gregório: Pra dormir? Olha...uma canção de ninar!

Nico: “Eram duas caveiras que se amavam...” Era daí que eu conhecia ela.

Carlos Gregório: Foi esse teu contato então?

Nico: Na verdade depois o meu contato acabou sendo...Não me lembro se eu já tinha visto alguma gravação. Eu conhecia essa música dessa lembrança. E ele (pai de Nico) nem cantava toda, me lembro só do início. Nem sei se ele cantava toda, acho que não. Depois quando a gente começou a ensaiar músicas para o show que a gente começou a trabalhar com as coisas do Vicente Celestino primeiro. E aí, não sei se foi um amigo que recomendou ou a gente que encontrou, agora não me lembro bem. Mas, era um disco que tinha...eu não me lembro o que é que tinha...tinha umas outras coisas, mas tinha essas duas músicas do Alvarenga e Ranchinho que era o Drama da Angélica e o Romance de uma Caveira. E o meu contato acabou sendo esse.

Carlos Gregório: Qual foi o motivo de ter colocado essa música em específico no espetáculo?

Nico: Foi assim a gente ...Bom, primeiro, o caráter do espetáculo pra mim começou a ser definido antes do espetáculo. Foi com uma experiência que eu fiz, eu tava saindo de uma banda, eu tinha uma banda e tal. E aí fui fazer um show, eu queria sair dessa banda e tal e fui fazer um show num bar sozinho, tocando piano. E aí eu comecei a fazer o show, todo mundo conversando pra caramba ninguém tava prestando atenção. Era um clima minhas canções, mas era um clima meio MPB, um clima meio poético e tal e ninguém tava dando bola. Até que de repente no meio do show eu começo, que fazia parte do roteiro, o texto do Vicente Celestino contando a história e tal “Eu nasci artista”.

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

Não tinha personagem nenhum não é que nem um show. E eu comecei aquele texto e todo mundo ficou quieto, e quando eu toquei a música: “uau, pô que legal..”

Carlos Gregório: O romance de uma caveira?

Nico: Não, “O Ébrio”. E ai, bom, quando a gente foi pensar num show pra um bar...Na verdade a minha ideia foi assim, eu queria fazer uma coisa, uma coisa que as pessoas fossem parar de conversar pra prestar atenção. Então da minha experiência do que eu fiz e que fez isso acontecer, essa coisa mais estrônica, essa coisa mais exagerada, não essa coisa mais poética, MPB, Djavan, ou não sei o que..E ai, a gente começou um pouco a juntar músicas mesmo de nossa autoria também que fossem por esse lado mais estrônico, mais..., também nessa relação de contar uma história uma coisa assim. E foi assim na verdade que ela entrou...

Carlos Gregório: Você acha que a narrativa presente na letra da canção contribuiu para que ela entrasse no espetáculo, já que a música por si conta uma história, então pro espetáculo ela é super funcional . Uma outra pergunta, o Romance de uma Caveira, que na verdade você acabou de responder , que tem carregada em si um forte teor dramático na própria letra, então isso contou para a escolha dela né?

Nico: Sim

Carlos Gregório: Em uma das várias participações de vocês divulgado o espetáculo Tangos e Tragédias no Jô Soares, precisamente no ano de 2008,o Jô comparou o formato de dupla que vocês utilizam justamente com a dupla Alvarenga & Ranchinho. É comum esse tipo de paralelo?

Nico: Não. Tem uma coisa que é uma coisa muito ruim né, eu acho assim, muito dessa coisa da ignorância, essa coisa do esquecimento realmente né? Que realmente assim este é um tipo de coisa que seria normal acontecer que as pessoas se dessem conta que é um formato, nem é uma coisa proposital, mas acabou sendo um formato prático. Eles (Alvarenga e Ranchinho) também formataram porque era uma coisa funcional e foi funcionando e pronto e tal. Mas, é incrível sim como realmente não tem uma quantidade de carga histórica presente nas pessoas, na educação, para que as pessoas fizessem naturalmente esse tipo de comparação, que eu acho que e absolutamente pertinente.

(Hique Gomez chega ao lobby do hotel)

Carlos Gregório: Você conheceu a música através dele? (do Nico)

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

Hique: Eu conhecia a primeira parte né? “Eram duas caveiras que se amavam” Mas, não, nunca tive ideia, foi ele quem trouxe.

Carlos Gregório: Você já ouviu mais de alguém comparar esse formato com a dupla Alvarenga e Ranchinho?

Hique: Já , mas é muito pessoa que conhece mesmo. Mais específico, as pessoas de uma forma geral não ligam. Até porque eu acho que essa era agora que é a era da televisão, eles eram da era do radio né?

Carlos Gregório: Exatamente, da era do radio.

Hique: Eu estive num programa de televisão com o Ranchinho.

Carlos Gregório: Ah é?

Hique: É, que era o Brasil...Som Brasil. Que era um programa da Globo que era música popular folclórica. E ele apresentava o programa junto com o Rolando Boldrin.

Carlos Gregório: É verdade, o Rolando Boldrin resgatou ele...

Hique: Ele teve uma época que ele apresentou o programa. E ele fazia uns números sozinho. Um dia eu vi ele lá no camarim. Ele é uma figura

Nico: A gente conheceu também a mulher do Alvarenga.

Hique: Isso

Nico: A mulher do Alvarenga foi nos agradecer num show porque era o único lugar de onde ela ganhava direitos autorais. Isso há muitos anos, quinze anos atrás.

Carlos Gregório: A ideia ou intenção principal da Recycla Gran Rechebuchyn (grande lixeira cultural da Sbornia) é fazer o resgate de canções antigas como as de Alvarenga e Ranchinho? Qual o critério de escolha, aquilo que serve ao espetáculo ou é o que "merece" ser lembrado?

Nico: Não, o critério no início eram as quatro músicas que estavam naquele disco. Que a gente começou com um disco do Vicente Celestino. Nesse disco tinham quatro músicas do Vicente Celestino, é o disco Renascer até tenho ele la ainda, quatro do Vicente Celestino , quatro do Sertaneja, eu lembro quem é o ...bom, tinham mais dois outros artistas. E do Vicente Celestino tinham essas quatro músicas, nós pegamos essas quatro. Na verdade depois aconteceu de conhecer outras músicas não sei o que...mas, na verdade

Hique: Mas era pelo conteúdo...

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

Nico: Sim, mas era o material que a gente tinha a mão. Também estamos falando de vinte e sete anos atrás que não existia internet, não existia isso tudo...Mas, eu sempre me interessei

Hique: Eu também...

Nico: Por aquelas coleções da Abril sabe, de música brasileira. Eu jamais pensei em tocar “O Ébrio”. E eu sempre gostei de música estranha, músicas de outros universos, eu sempre gostei, música folclórica. Talvez também porque meus avós vieram de fora, eu sempre escutava música folclórica russa, música folclórica mexicana eu lembro que tinha uns discos lá e eu escutava, eu sempre gostei desses outros universos assim né.

Hique: O lance nosso foi esse lance de ter criado a Recycla Gran Rechebuchyn (grande lixeira cultural da Sbornia)

Nico: Que é uma explicação né?

Hique: Não não, não é exatamente eu acho que é uma verdade. Que a nossa associação criativa em cima das canções tradicionais, as canções antigas. Que ninguém se interessa por gravar entende? O jeito que a gente reciclou ela, a gente colocou os elementos que a gente sintetizou, que é uma síntese nossa. No começo, a gente tinha uma pegada de rock inclusive, a gente saiu de banda de rock entendeu? A gente é dos anos 70 entendeu? Aquela explosão de música, da força do rock, que hoje tá mais diluída. Aquele princípio, a gente tinha aquele princípio na gente.

Nico: Mais do rock do que do pop. Era mais a ideia da explosão, digamos assim, interna, do que a forma estabelecida

Hique: E dos anos 80 né? Também que foi quando a gente fez o show, que a gente já tinha uma experiência de anos 70. Então quando a gente fez nos anos 80, já tinha uma outra onda que a gente tava surfando também, por exemplo, o punk e o dark. Entende, que dizer a gente também era meio punk, o “Coração Materno”, o coração saía da mãe saía, e o sangue corria. A gente era até um pouco agressivo. Depois começou a vim as famílias para nos ver, e a gente começou a manear um pouco...

Nico: Isso é uma coisa que é bem fundamental na minha visão de reinterpretação. Quer dizer, eu acho legal reinventar uma música, não esquecendo e não perdendo de reinventar uma parte dela. Tu não pode fazer como isso e botar num outro ritmo aí tu normalmente, e no caso dessa música também, e botar ela realmente numa outra ...É diferente, na verdade a gente faz no caso das caveiras, eu acho que é bem claro, quer dizer, a nossa maneira de fazer exatamente a mesma coisa. Como se fosse exatamente a

TÃO LONGE... TÃO PERTO...
A MÚSICA MIGRANTE

8º Encontro Internacional de Música e Mídia | Universidade de São Paulo - 19-21 de setembro de 2012

mesma coisa, mas, com a nossa verdade, passa pelo que chama de Recycla, mas mantendo, nunca é uma paródia, nunca é uma ideia assim, nem com a do Vicente Celestino, nunca né..A ideia é de interpretar a canção realmente pelo valor da canção. Nunca é tirando um sarro dela ou uma coisa assim: “ah, a música daquele tempo..”

Carlos Gregório- As vezes no caso a música que é naturalmente engraçada e você valoriza o que ta ali

Hique – Exatamente, a essência...

Nico – Exatamente , nunca é diminuindo a música

Carlos Gregório – É sempre enaltecendo a canção..

Nico – Exatamente, amplificando ainda...O Ébrio é um drama então se a gente fizer ele um drama é que ta certo

Carlos Gregório – Vocês conhecem outras músicas do Alvarenga e Ranchinho?

Nico – Conheço alguma coisa, aquela uma .. o Mister Eco

Nico – É que eles são urbanos, é mais aquela coisa de espetáculo também

Hique – Não é aquele roots, roots

Nico – Um deles é estudioso também né, o outro é professor...era um clima meio erudito ali não era ... o Ranchinho era mais povo e tal

Hique – Eu acho que agora, vendo assim eles, eu acho que eles tinham uma coisa muito semelhante a nós, com o próprio show em cassino naquela época..

Nico – Claro!

Hique – Não é um show de folclore assim...eles divertiam o pessoal mesmo.